

Sem Terra, Vista obras da coleção Norlinda e José 18 Abril - 24 Jan Paula Cabaleiro 27

Alexandre Baptista
Ana Jotta
Ana
Vieira

João Maria Gusmão & Pedro Paiva
João Pedro Vale & Nuno

Glenda León
Gonçalo Pena

Alexandre
Ferreira
André
Cepeda

Hubertus
Hierl

André
Romão
Anish Kapoor
Bernardí Roig

Chéri Samba
Christian Boltanski

Susana Mendes
Inês Osório Silva

Helena
Almeida

Augusto Alves da Silva

Cristina Iglesias

Edgar Martins

Silva

Carla Filipe

José Nicolas

Daniel Barroca

Edson Chagas

Isabel Cordovil

Carlos Correia

David LaChapelle

Eduardo Batarda

Daniel Blaufuks

Carmen Calvo

Jiri Georg Dokoupil

Mel Bochner

Carlos Noronha Feio

Fernando Calhau

João Louro

Charles Juhasz-Alvarado

Fernão Cruz

João do Vale

João Maria Gusmão

Cindy Sherman

João Tabarra

Pedro Cabrita Reis

& Pedro Paiva

Julião Sarmiento

Joel Sternfeld

Mónica de Miranda

Eva Lootz

José Pedro
Croft

Jorge
Molder

Miguel Januário

Rita GT
Gonçalo
Mabunda

Shi

Lifeng

Paula Rego
Rigo23

Kcho

Stefanie
Schneider

Leon Golub

Luís Paulo Costa

Rui Chafes

Maria José Oliveira

Mel

Bochner

Filipe

Volker Marques

Rita GT

Marta María Pérez Bravo

Mattia Denisse

Marie-Paule Nègre

Horst P. Horst

Victor Elschansky

Charles Juhasz-Alvarado

Pedro Cabrita Reis

Susanne

Svetlana Melik-Nubarova

Mauro Cerqueira

Themlitz

Pierre

Gonçalo Robin Hammond

Gonçalo
Mabunda

Houlès

Pena

Shi Lifeng

Robin Hammond

Yonamine

Ana

Vieira

Rui

Toscano

André

Cepeda

Martins

Edgar

Eva

Lootz

18

André

Cepeda

Alexandre Baptista

Yonamine

Carla Filipe

André Romão

Vanessa Beecroft

Horst P. Horst

Svetlana

Anish Kapoor

Hubertus Hierl

Bernardí Roig

Melik-Nubarova

Filipe Volker Marques

Carlos Correia

Carlos Noronha Feio

Carmen Calvo

Ana
Jotta

Jotta

Paul

Blanca

Daniel

Barroca

Edson Chagas

Fernão Cruz

Cindy Sherman

Pierre Houlès

Mauro Cerqueira

Chéri Samba

Curadoria
Curated
by:

Sara

Bichão

Victor Elschansky

José Nicolas

Helena Almeida

Rui Toscano

João do Vale

David LaChapelle

Stefanie

Isabel Cordovil

Schneider

Daniel Blaufuks

João Pedro Vale &

Marta María Pérez Bravo

João Louro

Musa paradisiaca

Nuno Alexandre Ferreira

José Pedro Croft

Mattia Denisse

Joel

Luís Paulo

Cristina

Marie-Paule

Maria

Sternfeld

Costa

Iglesias

Nègre

José
Oliveira

Fernando
Calhau

Vanessa

Beecroft

Rui
Chafes

Paul
Blanca

Sem Terra à Vista
Reflexões sobre este mundo de incertezas
contemporâneas, a partir de uma nova revisão
da Coleção Norlinda e José Lima

My little boat,
 Take care,
 There is no
 Land in sight.
 — Charles Simic

Sem Terra à Vista. Navegar perante a barbárie, sem um mapa que desenhe uma promessa, é antecipar a deriva rumo ao naufrágio. Perscrutamos o horizonte na procura de uma luz-farol que atravesse as névoas. São tempos de escuridão e desassossego. De desespero. Onde fica o norte, o nosso norte? Como é importante ter referências para intuir o caminho.

Se é que resta algum caminho.

Desfazemos as promessas de algum futuro possível, alimentando o ventre insaciável dum capitalismo feroz e maquinal, ignorando (e até negando) uma alteração climática que acelera de forma selvagem uma iniludível contagem regressiva. Exaltamos o egoísmo e a vaidade, como uma sociedade anestesiada que já não sente perante a dor do outro. Não conseguimos ser interpelados pelo massacre, pela pobreza, pela migração. O abuso. A solidão. As violências. O medo. Não somos capazes de praticar um mínimo de alteridade. Nem sequer lembrando daquela dor que foi nossa. Elevamos muros, escusando novos relatos de ódio que ampliam a fratura perante fronteiras que algum dia pensámos simbólicas. E assistimos, imóveis, a guerras e genocídios contemporâneos que fazem vacilar os alicerces das nossas democracias, cada vez mais estranguladas pela ascensão da nova-velha extrema direita. Desumanizamos. Certamente um paradoxo: aqueles

humanos que desumanizam. Desumanizamos os corpos das mulheres, as comunidades migrantes, o coletivo LGBTQIA+, as pessoas idosas, a pobreza e a deficiência. Disfarçamos de identidade cultural o neofascismo, que renasce com forças da terra onde repousam ainda quentes as suas vítimas, capturando através da desinformação e do esquecimento. E continuamos a favorecer o tráfico de mulheres e meninas, a exploração sexual e o tráfico de pessoas. Para manter o privilégio da nossa parte do mundo, aceitamos continuar submetendo à outra, esquecendo da justiça social que outrora nos (co)movia. A cátedra é hoje ditada pelo poder económico, que instrumentaliza a política para veicular discursos homogeneizantes que procuram abrigo no visceral, no emocional, erradicando qualquer tentativa de pensamento crítico e de diversidade. As desigualdades, também as de género, continuam a crescer num contexto social incapaz de valorizar o sustento da vida: os cuidados.

Arrasamos com as florestas, entendendo o paraíso como propriedade. Exploramos e contaminamos os mares e os céus, submetemos toda vida que se cruza no nosso caminho. Destruímos tudo à nossa passagem, deixando apenas cinzas. Tudo é imediato, efémero, descartável. Nada permanece. «Somos apenas fantasmas — ou memória», dizia Simic. Mesmo se lembrar no mundo da desmemória pareça já uma utopia.

Esta exposição tem como título o nome do último poemário do escritor sérvio-americano Charles Simic (*No Land in Sight: Poems*, 2022), numa tentativa de reflexão sobre as incertezas contemporâneas que hoje nos afligem, a partir duma nova revisão da Coleção de Arte Moderna e Contemporânea Norlinda e José Lima. É uma mostra que possibilita novas relações e diálogos entre obras e artistas de diferentes gerações, origens, culturas, disciplinas e abordagens técnicas, aproveitando a grande heterogeneidade e riqueza do acervo, com o objetivo de suscitar indagações e pensamento crítico no público visitante.

Assim, este projeto é o resultado de um dos maiores desafios que enfrentei até agora como comissária, mas também do privilégio de poder trabalhar com uma das mais importantes coleções privadas

do país, para poder abordar aquilo que julgo serem as grandes problemáticas da nossa sociedade atual, aquelas situações em que vivemos o conflito na primeira pessoa (do singular, do plural). Esta coleção única mistura grandes conjuntos autorais, sobretudo de artistas portugueses (de longa, média e recente trajetória), com artistas internacionais, com forte presença da arte contemporânea europeia (Espanha, França, Alemanha, Reino Unido, Itália, por aí adiante), e com a importante marca dos Estados Unidos, incluindo também uma interessante representação do hemisfério sul.

Procurando tornar o espaço do museu num lugar de encontro e reflexão, sem contornar o conflito, a exposição organiza-se em diferentes blocos temáticos, mas sem espaços fechados; pelo contrário, as próprias obras servem de ponte e criam uma certa continuidade. O percurso expositivo atravessa conceitos como a nossa fragilidade perante a desesperança e a incerteza contemporâneas; a guerra e o conflito; a polarização política, a desinformação e a desmemória; a vulnerabilidade das nossas democracias; a migração e os novos discursos de ódio perante o outro; o egoísmo, a cultura da imagem e a superficialidade na nossa sociedade; as alterações climáticas e o negacionismo; as desigualdades sociais; a desumanização das relações interpessoais; as violências machistas e a objetificação do corpo das mulheres; identidades dissidentes; a vulneração dos direitos humanos; a homofobia; o consumismo capitalista; e a devastação do planeta através da exploração selvagem dos seus recursos, entre outros.

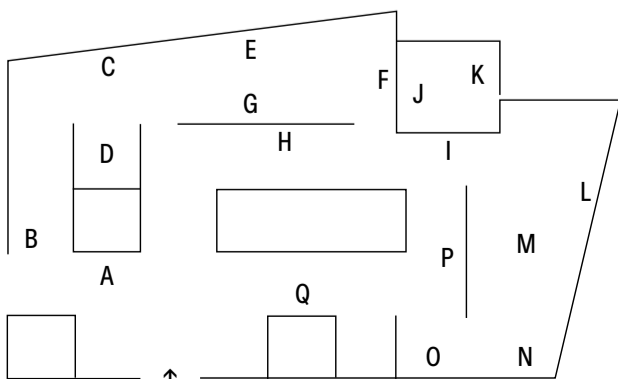
Como se depreende, *Sem terra à vista* não tenciona remeter literalmente para uma viagem certamente agónica em que não se vislumbra um horizonte, antes traduzindo simbolicamente uma profunda sensação de desespero e a crise existencial da humanidade e do sistema de valores que impera na nossa contemporaneidade. Esta exposição é, portanto, um espaço de reflexão coletiva, de fomento do pensamento crítico, apelando aos valores morais e éticos, à solidariedade e ao feminismo, num regresso necessário à humanidade e às pessoas, na procura de alguma luz, de algum possível caminho: de alguma terra à vista.

Zonas Expositivas
& Blocos Temáticos

A/B/C/D	L/M/N/O
Desesperança	Migração
Incerteza	Direitos humanos
Angústia	Conflito
Desumanização	Guerra
Isolamento social	Fronteiras
	Religião
E/F/G	P
Desinformação	Feminismo e igualdade
Desmemória	Violências machistas
Controlo social	Objetificação do corpo
Capitalismo	das mulheres,
Consumismo	Homofobia
Temporalidade	
H	Q
Individualismo	Futuros utópicos-
Solidão	-distópicos
Superficialidade	
Arquétipos sociais	
I/J/K	
Desigualdades sociais	
Polarização política	
Geopolítica	
Devastação do planeta	

Direção artística	Mediação e participação
Lara Soares	Daniel Costa (coord.)
	Ângelo Costa
Curadoria	Bruna Santos
Paula Cabaleiro	Joana Ribeiro
	Mariana Rocha
Coordenação de Produção	Receção
Maria Manuel Pinto	Alzira Silva
	Sandra Santos
Registo	Assistente de Sala
Joana Valente	Isabel Ferreira
Coordenação administrativa	
Alzira Silva	
Montagem	Centro de Arte Oliva
Ruídos à Sombra	Rua Paula Rego
	3700-119 S. João da Madeira
Iluminação	Terça-feira a domingo
Rui Barroso	10:00 - 12:30 / 14:00 - 17:30
Karina Polyanina	
Design Gráfico	www.centrodearteoliva.pt
Inês Nepomuceno	
Mariana Marques	
Audiodescrição	
AR Produções Lda.	

<i>Sem Terra à Vista</i>	18 Apr 26
obras da coleção Norlinda e José Lima	— 24 Jan
Curadoria:	27
Paula Cabaleiro	Alexandre Baptista
	Daniel Blaufuks
	Ana Jotta Ana Vieira
	André Cepeda
	André Romão Anish Kapoor Victor Elschansky
	Bernardí Roig
	Carla Filipe Carlos Correia Vanessa
	Carlos Noronha Feio Carmen Calvo Beecroft
	Cindy Sherman Charles
	Susana Mendes Silva Juhasz-Alvarado
	Chéri Samba Christian Boltanski
	Cristina Iglesias Daniel Barroca
	David LaChapelle Edgar Martins
	Edson Chagas Eduardo Batarda
Fernando Calhau	
Eva Lootz	Fernão Cruz
	Filipe Volker Marques Glenda León
	Gonçalo Mabunda Gonçalo Pena
	Helena Almeida
	Isabel Cordovil Jiri Georg Dokoupil
	Inês Osório
	João Louro
	João do Vale
	João Maria Gusmão & Pedro Paiva Paul Blanca
	João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira
	João Tabarra Joel Sternfeld José
	Jorge Molder Nicolas
	Hubertus Hierl José Pedro Croft
	Julião Sarmiento Leon Golub Kcho
	Luís Paulo Costa Marie-Paule Nègre
	Maria José Oliveira
	Horst P. Horst Marta María Pérez Bravo
	Mattia Denisse Mauro Cerqueira
	Mel Bochner Miguel Januário
	Augusto Alves Mónica de Miranda
	da Silva Musa paradisiaca Paula Rego
	Yonamine Pedro Cabrita Reis Pierre Houlès
	Svetlana Robin Hammond Rui Chafes Rigo23
	Melik-Nubarova Rita GT Rui Toscano
	Stefanie Schneider Sara Bichão
	Susanne Shi Lifeng
	Themlitz



No Land in Sight
Reflections on a world of contemporary
uncertainty, through a new reading of the
Norlinda and José Lima Collection

My little boat,
 Take care,
 There is no
 Land in sight.
 – Charles Simic

No Land in Sight. To sail in the face of barbarity, without a chart to trace even the promise of a destination, is to drift knowingly towards shipwreck. So we scan the horizon in search of a beacon light capable of cutting through the fog. These are dark, restless times. Times of despair. Where is north, our north? How vital it is to have points of reference by which to sense the way forward—if indeed any path still remains.

We unravel the promises of any possible future, feeding the insatiable appetite of a ferocious, mechanised capitalism, whilst ignoring—and even denying—the climate crisis that is hastening, with savage force, an inescapable countdown. We exalt selfishness and vanity, like an anaesthetised society that no longer registers the pain of others. We are unmoved by massacre, by poverty, by migration. By abuse. By loneliness. By violence. By fear. We seem incapable of practising even the bare minimum of otherness, not even when recalling suffering that was once our own. We erect walls, dismissing new accounts of hatred that deepen the fractures along borders we once believed to be merely symbolic. And we stand by, motionless, as contemporary wars and genocides shake the foundations of our democracies, increasingly strangled by the rise of a new-old far right.

We dehumanise. A paradox, certainly: humans who dehumanise. We dehumanise women's bodies, migrant communities, the LGBTQIA+ collective, older people, the poor, those living with disabilities. We disguise neo-fascism as cultural identity, as it resurfaces forcefully from the very soil where its victims still lie warm, advancing through disinformation and oblivion. We continue to tolerate the trafficking of women and girls, sexual exploitation and human trafficking more broadly. To preserve the privilege of our part of the world, we accept the continued subjugation of others, forgetting the social justice that once moved us. Authority is now dictated by economic power, which instrumentalises politics to disseminate homogenising discourses that take refuge in the visceral and the emotional, eradicating any attempt at critical thought or diversity. Inequalities, including those rooted in gender, continue to widen within a social context incapable of valuing that which sustains life: care.

We raze forests, treating paradise as property. We exploit and pollute seas and skies, subjugating all forms of life that cross our path. We destroy everything as we advance, leaving only ashes in our wake. Everything is immediate, fleeting, disposable. Nothing endures. "We are only ghosts—or memory," Simic wrote. Even if, in a world given over to oblivion, the act of remembering begins to feel utopian.

The exhibition takes its title from the final poetry collection by the Serbian-American writer Charles Simic (*No Land in Sight: Poems*, 2022), seeking to reflect on the uncertainties that weigh upon the present moment through a new reading of the Norlinda and José Lima Collection of Modern and Contemporary Art. It opens up fresh relationships and dialogues between works and artists from different generations, backgrounds, cultures, disciplines, and technical approaches, drawing on the breadth and richness of the collection to foster critical reflection and enquiry among visitors.

As such, this project has been one of the most demanding challenges I have undertaken to date as a curator, yet also a privilege: the opportunity to work with one of Portugal's most important private

collections in order to address what I consider the defining issues of our society—those situations in which conflict is experienced first-hand, both individually and collectively. The collection's singularity lies in its convergence of major bodies of work, particularly by Portuguese artists (spanning long-established, mid-career, and emerging practices), alongside international artists, with a strong presence of European contemporary art (notably from Spain, France, Germany, the United Kingdom, Italy, and so on) as well as significant holdings from the United States, whilst including a compelling representation of artists from the Global South.

In seeking to position the museum a place of encounter and reflection without evading conflict, the exhibition unfolds through thematic clusters rather than fixed sections. The works operate as bridges, generating a sense of continuity. The curatorial journey traverses concepts such as our fragility in the face of despair and contemporary uncertainty; war and conflict; political polarisation, disinformation, and historical amnesia; the vulnerability of our democracies; migration and new discourses of hatred towards the other; selfishness, image culture, and social superficiality; climate change and denialism; social inequality; the dehumanisation of interpersonal relationships; gender-based violence and the objectification of women's bodies; dissident identities; the erosion of human rights; homophobia; capitalist consumerism; and the devastation of the planet through the ruthless exploitation of its resources, among others.

As becomes clear, *No Land in Sight* does not merely evoke a literal voyage of anguish without a visible horizon; rather, it symbolically articulates a profound sense of despair, as well as an existential crisis affecting both humanity and the prevailing value systems shaping our present. The exhibition thus proposes a space for collective reflection and the cultivation of critical thought, appealing to moral and ethical values, to solidarity, and to feminism, in a necessary return to humanity and to people in search of some glimmer of light, some possible path: some land in sight.

Exhibition Areas
& Thematic Clusters

A/B/C/D	L/M/N/O
Despair	Migration
Uncertainty	Human rights
Anguish	Conflict
Dehumanisation	War
Social isolation	Borders
	Religion
E/F/G	P
Disinformation	Feminism and equality
Oblivion	Gender-based violence
Social control	Objectification
Capitalism	of women's bodies,
Consumerism	Homophobia
Temporality	
H	Q
Individualism	Utopian-dystopian
Loneliness	futures
Superficiality	
Social archetypes	
I/J/K	
Social inequality	
Political polarisation	
Geopolitics	
Planetary devastation	

Artistic director
 Lara Soares

Curator
 Paula Cabaleiro

Production coordination
 Maria Manuel Pinto

Registrar
 Joana Valente

Administrative coordination
 Alzira Silva

Installation
 Ruídos à Sombra

Lighting
 Rui Barroso
 Karina Polyanina

Graphic Design
 Inês Nepomuceno
 Mariana Marques

Audio description
 AR Produções Lda.

Mediation and participation
 Daniel Costa (coord.)
 Ângelo Costa
 Bruna Santos
 Joana Ribeiro
 Mariana Rocha

Reception
 Alzira Silva
 Sandra Santos

Gallery Attendant
 Isabel Ferreira

Centro de Arte Oliva
 Rua Paula Rego
 3700-119 S. João da Madeira

Tuesday to Sunday:
 10:00 - 12:30 / 14:00 - 17:30

www.centrodearteoliva.pt

No Land in Sight 18 Apr 26
 Norlinda and José Lima Collection – 24 Jan
 Curated by 27
 Paula Cabaleiro Alexandre Baptista
 Daniel Blaufuks
 Ana Jotta Ana Vieira
 André Cepeda
 André Romão Anish Kapoor Victor Elschansky
 Bernardí Roig
 Carla Filipe Carlos Correia Vanessa
 Carlos Noronha Feio Carmen Calvo Beecroft
 Cindy Sherman Charles
 Susana Mendes Silva Juhasz-Alvarado
 Chéri Samba Christian Boltanski
 Cristina Iglesias Daniel Barroca
 David LaChapelle Edgar Martins
 Edson Chagas Eduardo Batarida
 Fernando Calhau
 Eva Lootz Fernão Cruz
 Filipe Volker Marques Glenda León
 Gonçalo Mabunda Gonçalo Pena
 Helena Almeida
 Isabel Cordovil Jiri Georg Dokoupil
 Inês Osório
 João Louro
 João do Vale
 João Maria Gusmão & Pedro Paiva Paul Blanca
 João Pedro Vale & Nuno Alexandre Ferreira
 João Tabarra Joel Sternfeld José
 Jorge Molder Nicolas
 Hubertus Hierl José Pedro Croft
 Julião Sarmento Leon Golub Kcho
 Luís Paulo Costa Marie-Paule Nègre
 Maria José Oliveira
 Horst P. Horst Marta María Pérez Bravo
 Mattia Denisse Mauro Cerqueira
 Mel Bochner Miguel Januário
 Augusto Alves Mónica de Miranda
 da Silva Musa paradisiaca Paula Rego
 Yonamine Pedro Cabrita Reis Pierre Houlès
 Svetlana Robin Hammond Rui Chafes Rigo23
 Melik-Nubarova Rita GT Rui Toscano
 Stefanie Schneider Sara Bichão
 Susanne Shi Lifeng
 Themlitz

